

Robert Vannoy, Êxodo para o Exílio, Palestra 2B

As Pragas e a Páscoa

B. Pragas do Egito

1. Praga do granizo e o reconhecimento gradual da autoridade de Deus

Estivemos olhando para esta série de dez pragas. O resultado foi um reconhecimento gradualmente crescente por Faraó da autoridade de Deus que finalmente terminou com a liberação de Israel para adorar como Moisés e Aarão haviam pedido no início. Mas isso não aconteceu até as dez pragas e a morte dos primogênitos, quando o faraó disse: “Ok, chega. Deixar.” Antes disso, se você observar esse reconhecimento gradualmente crescente das pragas em Êxodo 9:20, você lerá: “Os oficiais do Faraó, que temiam a palavra do Senhor, apressaram-se em trazer seus escravos e seus rebanhos para dentro”. Em outras palavras, o granizo estava chegando. Eles não apenas ignoraram isso; eles levaram isso a sério e tomaram medidas para proteger a si mesmos e a seus rebanhos. Aqueles que ignoraram a palavra de Javé deixaram seus escravos e gado no campo aberto. Claro, o granizo caiu. Você leu no versículo 24 que foi a pior tempestade no Egito desde que se tornou uma nação. Ele derrubou tudo que crescia no campo, arrancou todas as árvores, e assim por diante.

Em Êxodo 10:27 e 28, o Faraó disse a Moisés: “Saia da minha frente. Certifique-se de não aparecer diante de mim novamente. No dia em que você ver meu rosto novamente, você morrerá. Portanto, o ponto é que ele não está realmente pronto para fazer muito. Em Êxodo 9:27, o Faraó diz: “Yahweh tem razão; Eu e meu povo estamos errados. Rogai a Iahweh porque estamos fartos de trovões e granizo. Eu vou deixar você ir; você não precisa ficar mais tempo.” Claro, ele rapidamente se retratou disso. Então descemos para o versículo 34: “Quando ele viu que a chuva, o granizo e os trovões pararam, ele pecou novamente e seu coração se endureceu e ele não deixou os israelitas irem”.

Em Êxodo 10:7 e 8, ele diz: “Vá, adore a Jeová, seu Deus. Mas quem irá? Moisés

disse: 'Iremos com nossos jovens, nossos velhos, nossos filhos, nossas filhas, nossas ovelhas e manadas, porque celebraremos uma festa para o Senhor.' E o Faraó disse: 'Yahweh esteja com você, se eu deixar você ir junto com suas mulheres e crianças, claramente você está inclinado ao mal. Não, apenas os homens vão e adorem a Javé, já que é isso que você tem pedido. o primogênito - em 12:31, você lê: “Faraó convocou Moisés e Arão e disse: 'Levantem-se, deixem meu povo, vocês e os israelitas. Vá, adore o Senhor como você pediu. Pegue seus rebanhos e manadas como você disse, vá e me abençoe.” Ele quer a bênção. Os egípcios exortaram o povo a deixar o país. Então Faraó reconhece o poder de Deus - pelo menos nesse ponto e, claro, ele muda de ideia e os persegue mais tarde.

2. Não apenas a libertação de Israel, mas o ganho de glória por meio do Faraó Acho que o que está acontecendo aqui deixa claro – o que Deus está fazendo não é apenas algo para garantir a libertação de Israel da escravidão. Faz isso, mas não é só isso. Ele poderia ter feito isso, como diz o capítulo 14, de uma só vez. Mas o que ele está fazendo é estabelecer sua existência e seu poder para que o faraó tenha que reconhecer isso. E os israelitas também são testemunhas disso.

Depois que Israel foi embora e o faraó mudou de ideia e os perseguiu, você obtém o mesmo tema em 14:4, onde o Senhor diz: “Eu endurecerei o coração do faraó; ele os perseguirá. Mas eu ganharei glória para mim mesmo por meio do faraó e de todo o seu exército, e os egípcios saberão que eu sou o Senhor”. E no versículo 17, ele diz: “Ganharei glória por meio de Faraó e todo o seu exército, seus carros e seus cavaleiros. Os egípcios saberão que eu sou o Senhor quando eu for glorificado pelo faraó, seus carros e seus cavaleiros”. Portanto, o que o Senhor está fazendo aqui é demonstrar seu poder e obter glória para si mesmo por meio desses eventos.

3. Julgamento dos deuses do Egito Acho que a outra coisa que está acontecendo é um julgamento das divindades do Egito. Yahweh está mostrando sua supremacia sobre esses falsos deuses dos egípcios. Isso está explicitamente declarado em 12:12, onde o

Senhor diz: “Naquela mesma noite passarei pelo Egito, ferirei todos os primogênitos e julgarei todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor.” Em Êxodo 18:11, quando Moisés relata a Jetro, seu sogro, o que o Senhor havia feito por Israel em sua libertação do Egito, Jetro diz: “Agora sei que o Senhor é maior do que todos os outros deuses”. E muitas dessas pragas tinham a ver com coisas que tinham significado religioso para os egípcios. Faraó e seu filho eram considerados divindades pelos egípcios. Hopi, o deus do Nilo, agora trouxe fedor e ruína em vez de bênção. As rãs eram associadas aos deuses da fertilidade, mas agora traziam doenças em vez de vida. O sol escureceu. O deus do sol era Re, e o sol foi apagado. Os egípcios adoravam touros e bezerras. Se você olhar para Êxodo 9:7, que golpe deve ter sido para o faraó quando ele “enviou homens para investigar e descobriu que nenhum dos animais dos israelitas havia morrido, mas todo o gado dos egípcios havia sido morto.” Há uma imagem no slide 8 de Amenhotep sob a proteção da deusa Hathor na forma de uma vaca. Você não pode ver muito bem, mas lá no canto inferior esquerdo, você vê Amenhotep bebendo o leite deste deus vaca. O deus vaca não era muito poderoso quando se tratava de enfrentar o Senhor.

4. Momento e intensidade das pragas naturais Outra questão levantada em relação às pragas é se é ou não legítimo encontrar algum tipo de conexão positiva entre a sequência de eventos nas pragas. Se você olhar suas citações, tenho vários autores sobre este assunto na página 14. No final da página, Charles Pfeiffer faz os seguintes comentários: “Quando o Faraó se recusou a reconhecer as reivindicações do Deus de Israel, ele e todo o terra do Egito sofreu uma série de pragas. Exceto pela última – a morte do primogênito – nenhuma das pragas era completamente estranha ao Egito. O momento das pragas - na palavra de Moisés - e sua intensidade constituíram o elemento milagroso. A Bíblia consistentemente apresenta o Senhor como soberano sobre toda a criação. As forças da natureza estão sempre sujeitas ao seu controle.

“Quando Moisés, por ordem de Deus, estendeu sua vara sobre as águas do Nilo, elas ficaram vermelhas e pútridas. Essa praga reflete as condições provocadas por um Nilo

anormalmente alto, que normalmente atinge o estágio de inundação em agosto. As águas são então saturadas com terra vermelha finamente pulverizada das bacias do Nilo Azul e Atbara, e carregam organismos minúsculos, que ajudam a colorir a água e criam condições tão desfavoráveis para os peixes que eles morrem em grande número. Pode ser que a extrema intensificação desse fenômeno, conforme descrito em Êxodo 7:21, ocorrendo por ordem de Moisés, tenha produzido a primeira praga que durou sete dias. Faraó, entretanto, não se comoveu com o flagelo que deveria tê-lo convencido do poder de Javé.

“Quando Moisés novamente se aproximou de Faraó e ele se recusou a deixar Israel ir, Deus disse a Moisés para estender sua vara sobre as águas, e saiu da água um exército de rãs que invadiu a terra em tal número que se tornaram um povo nacional. catástrofe. Sapos não são incomuns no Vale do Nilo. A praga das rãs, porém, veio por ordem de Moisés e foi de tal intensidade que o faraó deveria ter reconhecido o poder de Javé. Quando as rãs morreram em grande número, a terra novamente se encheu com o odor de carne em decomposição. Mas o faraó permaneceu impassível e recusou-se a deixar Israel ir, como Moisés havia pedido.

“Montes de sapos e peixes em decomposição fornecem um terreno ideal para a reprodução de pragas de insetos. À palavra do Senhor, Moisés estendeu sua vara e golpeou o pó, e surgiu um grande número de insetos descritos de forma variada como mosquitos, piolhos ou pernilongos.” Então, o que ele sugere é que essa sequência e esses fenômenos não eram desconhecidos no Egito, e pode ter havido algumas conexões entre eles.

5. Explicação da erupção de Santorin (?) Essa ideia foi levada muito mais longe por outros. Se você olhar a página 13 de suas citações, em J. Block, “As dez pragas do Egito,” Block diz, “Aproximadamente 1500-1200 aC o vulcão Santorin entrou em erupção enviando piroclásticos na direção do Egito. A cinza rosa-avermelhada caiu no Nilo sugerindo sangue. Esta cinza alcalina contaminou o rio obrigando as rãs a fugir. Rãs

contaminadas morreram atraindo mosquitos e moscas. Os micróbios da doença trouxeram murrain para os animais e furúnculos para o homem. O aumento do vapor atmosférico produziu tempestades contendo relâmpagos, trovões e granizo. Chuvas adicionais aumentaram a vegetação: o cheiro provocou a migração de gafanhotos. Cinzas e gafanhotos bloquearam o sol por três dias. O peso das cinzas causou o colapso dos telhados, matando muitos egípcios, incluindo primogênitos. A erupção santoriana é responsável pelas dez pragas.” Agora, essa é uma forma extrema dessa maneira de explicar o que aconteceu na área com base em explicações naturalísticas.

6. Gottwald: O coração da história é o poder de Yahweh É interessante para mim, se você olhar para a próxima entrada de Norman Gottwald, que é um crítico radical do AT, não um evangélico, observe o que ele diz: “As pragas em seu poder cumulativo dificilmente podem ser explicadas como fenômenos meramente naturais, embora a maioria delas são identificáveis como pragas recorrentes ou ocasionais no Egito. Racionalizá-los grosseiramente é cortar o cerne da história: o poder de Javé. A tentativa de tratar as pragas como causativamente relacionadas umas às outras (por exemplo, a descoloração orgânica do Nilo atraindo sapos que criam moscas e levam à peste, etc.) é intrigante, mas imprudente.” Agora, se você olhar para várias discussões sobre isso, encontrará pessoas em diferentes pontos ao longo da estrada vendo algum tipo de conexão com várias pragas. Acho que em formas moderadas não há mal nenhum em ver isso. Mas acho que o que ele está apontando está muito claro no texto. O importante é que Javé interveio para mostrar seu poder e demonstrar sua libertação e caminhos que deixam inequivocamente claro que ele está causando essas coisas, que ele é mais poderoso que os deuses do Egito e que as coisas que estão acontecendo estão acontecendo por causa de seu poder.

7. Propósito Revelador das Pragas Acho que podemos dizer que, com a possível exceção da nona praga — a escuridão — e da décima praga — a morte dos primogênitos — esses fenômenos não eram incomuns no Egito. Isso é sapos, piolhos, granizo e

gafanhotos. Esses não eram tipos de eventos implausíveis, bizarros e fantásticos. Mas eram fenômenos com os quais os egípcios estavam familiarizados, por um lado. Caracterizados por essas cinco coisas que estão na tela do slide 9, eles são mais do que uma série de fenômenos naturais conectados causalmente porque são caracterizados primeiro, pela previsão. Moisés sempre diz que isso é o que vai acontecer com antecedência e acontece. Em segundo lugar, há uma intensificação. Não são apenas alguns mosquitos, um pouco de granizo - essa tempestade de granizo é a pior que o Egito já teve. Portanto, intensificação e aceleração - não temos nenhum esquema de tempo claro quanto à rapidez com que essas coisas se sucedem, mas parece que ocorrem em uma sucessão bastante rápida. Você combina isso com o que é particularmente notável, que é essa “discriminação” dos últimos seis. Os egípcios sofreram essas coisas; os israelitas estão isentos deles. Então você combina isso com o que realmente temos falado o tempo todo, e esse é o “propósito revelador”. Essas coisas são sinais e maravilhas. São sinais que atestam que Javé é quem diz ser. Assim, parece-me que essas cinco coisas caracterizam fenômenos que, na maioria das vezes, não são tipos de coisas fantásticas e incomuns. Eram coisas com as quais os egípcios estavam familiarizados, mas desempenhavam essa função de sinais e maravilhas porque demonstravam quem era o Senhor.

8. Endurecimento do Coração do Faraó como Remoção da Graça de Deus, bem como Julgamento

Há mais uma coisa que quero mencionar antes de passarmos para o próximo ponto. Quero fazer alguns comentários sobre o endurecimento do coração de Faraó. Você tem três conjuntos de textos que percorrem esses capítulos que descrevem as pragas. O primeiro conjunto são textos em que Yahweh é o sujeito do verbo. “Eu endurecerei o seu coração.” Você tem dez referências ali onde o Senhor diz: “Eu endurecerei o coração de Faraó”. Então você tem o conjunto de textos onde, em vez de Javé ser o sujeito do verbo, Faraó é o sujeito. Você tem três exemplos desse tipo: “O faraó endureceu seu coração”. O

terceiro conjunto é onde não há fonte ou agente mencionado; você acabou de ler: “O coração do Faraó foi endurecido”. Há seis desses. Portanto, você tem um total de dezenove vezes em um período relativamente curto de alguns capítulos, onde obtemos referência ao endurecimento do coração do Faraó, pelo Senhor, pelo Faraó, ou onde nenhuma fonte ou agente é mencionado. Isso levanta, é claro, questões teológicas. O que está acontecendo aqui?

Antes de entrarmos nisso, vou direcionar sua atenção para outra coisa. Se você voltar a 3:19 em conexão com isso, quando o Senhor apareceu a Moisés na sarça ardente e o comissionou, o Senhor diz: “Eu sei que o rei do Egito não deixará você ir, a menos que uma mão poderosa o compela. .” Em outras palavras, ele diz, eu sei que o Faraó não vai te ouvir. “Por isso estenderei a mão e ferirei os egípcios com todas as maravilhas que farei entre eles. Depois disso, ele vai deixar você ir. Então você vê desde o início, mesmo antes de Moisés voltar e confrontar Faraó no capítulo 5, o Senhor disse a Moisés: “Eu sei o que vai acontecer. Ele não vai deixar você ir até que eu faça esta série de maravilhas.” Então, quando você entra nos capítulos que descrevem as pragas, obtém uma frase que ocorre várias vezes. Veja 7:13. Isso foi depois que o cajado de Aaron se tornou uma cobra e os mágicos egípcios duplicaram isso de alguma forma. Então você lê que o cajado de Aaron engoliu seus cajados. Mas observe o versículo 13: “Mas o coração de Faraó se endureceu, e ele não os ouviu”. Então, a próxima frase para a qual quero chamar sua atenção é “como o Senhor disse”. Isso remonta a 3:19. O Senhor havia dito a Moisés: “Sei que ele não deixará você ir”. Ele não vai te ouvir. Aquele primeiro sinal com o cajado se transformando em uma cobra, o coração de Faraó endureceu e ele não quis ouvir - assim como o Senhor havia dito. Vá até o versículo 22 do capítulo 7 - isso é depois que a água se transforma em sangue: “Os mágicos egípcios fizeram as mesmas coisas de acordo com suas artes secretas, mas o coração de Faraó se endureceu e ele não quis ouvir Moisés e Arão, assim como o Senhor tinha dito.” O Senhor havia dito desde o início que não iria ouvir. Êxodo 8:15 – isto é com as rãs: “Quando Faraó viu que havia alívio, endureceu o coração e não quis ouvir Moisés e Arão, como o Senhor havia dito”. Êxodo 8:19, com os mosquitos, “Os magos disseram a Faraó: 'Isto é o dedo de Deus'.

Mas o coração de Faraó era duro, como o Senhor tinha dito”. Você vê que o endurecimento do coração de Faraó está ligado ao que o Senhor havia dito desde o início. Ele não vai ouvir e então, enquanto você passa por isso, “exatamente como o Senhor havia dito” é repetido.

Agora, para abordar o endurecimento do coração, dei a você um folheto de RC Sproul chamado “O coração duro do faraó”. Se você olhar para isso, é um bom resumo em forma breve das questões teológicas que essas declarações levantam, e muitas pessoas lutam com isso. Sproul disse: “Martinho Lutero lutou muito com a relação da soberania de Deus com o livre-arbítrio humano e o pecado. Na verdade, um dos maiores livros já escritos sobre o assunto, *The Bondage of the Will*, é da pena de Lutero. Quando Lutero lutou com essa questão, ele lutou especialmente com as passagens do Antigo Testamento onde lemos que Deus endureceu o coração de Faraó.” E há as referências. “Quando lemos essas passagens, tendemos a pensar: 'Isso não sugere que Deus não apenas opera por meio dos desejos e ações dos humanos, mas que ele realmente impõe o mal às pessoas?' Afinal, a Bíblia diz que Deus endureceu o coração de Faraó. Quando Lutero discutiu isso, ele observou que quando a Bíblia diz que Deus endureceu o coração de Faraó, Deus não criou mal novo no coração de um homem inocente. Pode parecer que Faraó era inocente até que Deus plantou essa semente do mal dentro dele e o forçou a fazer algo ruim e depois que ele fez isso, Deus o culpou. Deus enviou Moisés a Faraó com esta mensagem: 'Deixe meu povo ir'. Faraó disse: 'Não.' Alguns sugerem que Deus o puniu arbitrariamente. Eles afirmam que a razão pela qual Faraó disse 'não' é porque Deus endureceu seu coração. Novamente, “ Lutero disse que Deus não endureceu as pessoas colocando o mal em seus corações. Tudo o que Deus deve fazer para endurecer o coração de alguém é reter sua própria graça; isto é, ele entrega uma pessoa para si mesmo. Esse é realmente o cerne do que Sproul diria. De fato, somos advertidos a não nos deixar endurecer porque, se olharmos, todo o conceito de endurecimento é um conceito bíblico que é algo que acontece conosco, e nossa consciência fica cauterizada quanto mais cometemos um determinado pecado e menos remorso que sentimos. Em seguida, esta declaração: “Quando Deus endurece o coração, tudo o que ele faz é se afastar e parar de

lutar conosco”. Em outras palavras, ele remove sua graça. Essa é a análise de Sproul sobre o que está acontecendo aqui. Por exemplo, a primeira vez que cometi um determinado pecado, minha consciência me incomoda. Pela graça, Deus está me convencendo do mal. Deus está se intrometendo em minha vida tentando me persuadir a parar com essa maldade. Então, se ele quiser me endurecer, tudo o que ele precisa fazer é parar de me repreender. Ele simplesmente para de me cutucar, me dando corda suficiente para me enforçar. “O que vemos nas Escrituras é que quando Deus endurece os corações, ele não força ninguém a pecar. Em vez disso, ele lhes dá a liberdade de exercer o mal de seus próprios desejos”.

Agora, acho que essa é uma declaração muito boa sobre a questão teológica aqui. No entanto, se você consultar suas citações nas páginas 13 e 14, tenho alguns parágrafos aqui do comentário de Calvino sobre o Êxodo em conexão com essas declarações do endurecimento do coração. Calvin é um pouco diferente de Sproul. Página 13, final da página, em Êxodo 4:21, onde fala do endurecimento do coração. Êxodo 4:21 é: “Eu endurecerei seu coração para que ele não deixe meu povo ir”. Calvino diz: “Uma vez que a expressão parece dura para ouvidos delicados, muitos a suavizam, transformando o ato em mera permissão; como se não houvesse diferença entre fazer e deixar ser feito; ou como se Deus elogiasse sua passividade, e não seu poder. Quanto a mim, certamente não tenho vergonha de falar como o Espírito Santo fala, nem hesito em acreditar no que ocorre com tanta frequência nas Escrituras, que Deus entrega os ímpios a uma mente reprovada, os entrega a afeições vis, cega suas mentes. e endurece seus corações. Mas eles objetam que, dessa maneira, Deus se tornaria o autor do pecado; o que seria uma impiedade detestável. Eu respondo que Deus está muito longe do alcance da culpa, quando se diz que ele exerce seus julgamentos: portanto, se a cegueira é um julgamento de Deus, não deve ser acusado contra ele, de que ele inflige punição. Mas se a causa costuma ser ocultada de nós, devemos lembrar que os julgamentos de Deus não são sem razão chamados de 'grande profundidade' e, portanto, vamos considerá-los com admiração e não com críticas. Mas aqueles que substituem sua permissão no lugar de seu ato, não apenas o privam de sua autoridade como juiz, mas, em sua reclamação, o

sujeitam a uma reprovação pesada, pois não lhe concedem mais justiça do que seu senso pode entender.

Agora ele dá um passo adiante, eu acho, em Êxodo 7:3, outra dessas declarações sobre o endurecimento do coração de Faraó. “Não há, no entanto, necessidade de discutir longamente a maneira pela qual Deus endurece os réprobos, sempre que essa expressão ocorre. Vamos nos apegar ao que já observei, que eles são apenas pobres especuladores que se referem a uma mera permissão; porque se Deus, cegando suas mentes ou endurecendo seus corações, inflige punição merecida aos réprobos, ele não apenas permite que eles façam o que eles próprios desejam, mas realmente executa um julgamento que ele sabe ser justo.

Agora, acho que há uma distinção entre o que Calvin está dizendo e o que Sproul está dizendo. Agora olhe para a próxima frase. “De onde também se segue que ele não apenas retira a graça de seu Espírito, mas entrega a Satanás aqueles que ele sabe merecer a cegueira da mente e a obstinação do coração.” Em outras palavras, acho que o que Calvino está dizendo, Deus não apenas retira a graça – isso é o que Sproul está dizendo que está acontecendo – mas há uma característica adicional aqui. Ele entrega a Satanás. É um ato de julgamento de Deus. Ele diz: “Enquanto isso, admito que a culpa de qualquer um dos males recai sobre os próprios homens, que voluntariamente se cegam e, com uma obstinação que é como a loucura, são levados, ou melhor, precipitam-se ao pecado. Também mostrei brevemente que caluniadores imundos são eles, que, para despertar a má vontade contra nós, fingem que Deus é assim considerado o autor do pecado; já que seria um ato de grande absurdo estimar seus julgamentos secretos e incompreensíveis pela pequena medida de nossa própria apreensão. Os oponentes dessa doutrina tola e imprudentemente misturam duas coisas diferentes, já que a dureza do coração é o pecado do homem, mas o endurecimento do coração é o julgamento de Deus”. Em outras palavras, o que Calvino está dizendo é que não é apenas permissão, mas o julgamento de Deus, a entrega a Satanás. “Ele novamente propõe neste lugar seus grandes julgamentos, para que os israelitas possam esperar com mentes ansiosas e atentas seu magnífico e maravilhoso modo de operação.”

Então, no próximo parágrafo, “Ele entregou como escravo a Satanás um réprobo que estava voluntariamente dedicado à sua própria destruição, para que ele pudesse avançar com pertinácia ainda crescente em sua impiedade. Mas, como Moisés usou tantas vezes essa palavra, fico surpreso com a ousadia de certos sofistas que, pela substituição da palavra permissão, permitem-se, por meio dessa evasão frívola, escapar de uma declaração tão clara. Agora, essa é uma questão difícil teologicamente. Acho que estou mais inclinado a seguir Calvino e ir um pouco além de Sproul, mas acho que ambas as explicações descrevem o que está acontecendo teologicamente aqui.

C. Páscoa – Êxodo 12:1-13:16

1. Vários significados de “Páscoa”

Tudo bem, vamos para a Páscoa em Êxodo 12:1-13:16. Alguns comentários sobre a Páscoa. Primeiro, a Páscoa está relacionada com a morte dos primogênitos e a preservação dos primogênitos nas casas onde o sangue foi aspergido. O termo é usado em vários sentidos. É usado para o evento histórico, onde o anjo da morte passou sobre as casas onde o sangue foi aspergido. Portanto, é usado para esse evento. A “Páscoa” é usada para se referir à comemoração institucional daquele evento celebrado anualmente em Israel. É um grande festival nos tempos subseqüentes em Israel. É uma comemoração do que aconteceu naquela noite quando o anjo da morte passou. Portanto, refere-se às vezes ao evento histórico, às vezes à comemoração desses eventos. Em terceiro lugar, às vezes se refere ao próprio cordeiro sacrificial. Em Êxodo 12:11 diz: “Assim o comereis: com o manto metido na cintura, as sandálias nos pés, o cajado na mão, comei-o depressa, é a Páscoa do Senhor”. Esse cordeiro em si é chamado de “Páscoa”. Como acabei de dizer, a comemoração daquela Páscoa tornou-se a festa mais importante ou mais importante do antigo Israel.

Acho que o que a festa da Páscoa fez foi lembrar Israel de duas coisas muito importantes. Acho que a primeira coisa que lembrou a Israel foi a necessidade de Israel de libertação do pecado. Os israelitas, assim como os egípcios, eram pecadores e foi

somente a misericórdia de Deus que os salvou. Foi somente quando o sangue foi aspergido que eles foram poupados do mesmo julgamento que os egípcios haviam experimentado. Se você olhar para a página 19 de suas citações, há uma linha de Vos em sua *Teologia Bíblica* : “Onde quer que haja matança e manipulação de sangue, há expiação, e ambos estavam presentes na Páscoa”. O pecado é expiado; isto é, o pecado é coberto ou expiado. Mas acho que além do que Vos diz lá, Deus também é propiciado; isto é, sua ira divina é apaziguada. Mas tudo isso está envolvido naquele sacrifício daquele Cordeiro pascal e na aspersão de seu sangue. Sua ira divina é apaziguada; sua justiça satisfeita e, portanto, os israelitas são poupados do julgamento. Assim, lembrou aos israelitas sua necessidade de libertação do pecado.

Em segundo lugar, lembrou aos israelitas sua libertação do Egito, a época da fundação da nação. Se você colocar isso no contexto do movimento mais amplo da história da redenção, o cordeiro pascal finalmente ansiava por Cristo. É um tipo de Cristo, que tira o pecado do mundo. Em João 1:29, você tem uma referência a Cristo como “o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. Paulo diz em 1 Coríntios 5:7 que “Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós”. Então, certamente, na Páscoa, você tem um evento muito significativo neste fluxo maior da história redentora que está antecipando e aguardando a obra de Cristo.

Na página 18 de suas citações, J. Barton Payne em *The Theology of the Older Testament* , acho que expressou isso muito bem. Ele diz: “Na plenitude dos tempos, cumpriu-se a Páscoa na pessoa do Messias: 'Porque também Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós' (1 Coríntios 5:7). Na mesma tarde em que se preparavam os cordeiros pascais, Jesus Cristo deu a sua vida na cruz para que a redenção se cumprisse de uma vez por todas. Em sua própria pessoa, ele constitui o último Cordeiro de Deus que foi morto pelos pecadores. Além disso, o Salvador se ofereceu sem mancha ou defeito (Êxodo 12:5), e nenhum osso de seu corpo foi quebrado (João 19:36). Dessa forma, o sistema mosaico de sacrifício antecipado terminou naquele dia no Calvário.

2. Cristo e a Páscoa

“No entanto, na noite anterior à celebração regular da cerimônia da Páscoa, Jesus Cristo celebrou a antiga festa da Páscoa com seus discípulos no cenáculo (Mateus 26:17). Esta refeição tornou-se assim, ao mesmo tempo, a última e válida Páscoa Mosaica da história e também a primeira Ceia do Senhor; pois um foi transformado no outro. A redenção que havia sido antecipada na Páscoa é agora comemorada na Última Ceia. Além disso, assim como a Páscoa constituía o selo sacramental para a graciosa adoção de Israel por Deus, para que ele fosse seu Pai (Êxodo 4:22), e de sua irmandade comunal resultante sob o testamento nacional; então a ceia se tornou o selo sacramental de nossa união com Cristo e de nossa união uns com os outros no novo testamento de seu sangue – 1 Coríntios 10:16 e seguintes. A verdade de Êxodo 12:13 é eternamente válida: 'O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; e, vendo eu o sangue, passarei por vós; não haverá praga sobre Israel, quando eu ferir a terra do Egito.'”

3. Cinco palavras-chave na teologia da Páscoa O que eu quero fazer a partir daqui é ir para o que JA Motyer chama de cinco palavras-chave na teologia da Páscoa. Citei bastante extensivamente de Motyer em suas citações - páginas 15-18. Acho que ele coloca isso tão bem que devemos reservar um tempo para ler isso juntos. A parte inferior da página 15 é uma introdução sobre o que ele vai dizer sobre a Páscoa. Aqui está o que Motyer diz: “Até agora tudo bem. Mas se de fato é o juízo final, a disputa dos primogênitos, que vai tirar o povo de Deus da terra do Egito, por que a Páscoa? Se esta décima praga é a praga que resolve o problema, por que a Páscoa? E a resposta a essa pergunta é esta: porque quando a ira de Deus é aplicada em sua realidade essencial, ninguém está seguro. Havia duas nações na terra do Egito, mas ambas eram resistentes à palavra de Deus; e se Deus vier em julgamento, ninguém escapará, a menos que Deus tome alguma decisão prévia que garanta a segurança daqueles a quem ele escolheu salvar. E, portanto, é na misericórdia do Deus que guarda a aliança que ele diz: 'Este é o povo a quem fiz promessas. Agora, se minhas promessas são reais, devo fazer provisões para elas, o que garantirá que herdarão as promessas e não herdarão o julgamento.' E a provisão que Deus fez foi o cordeiro pascal e seu sangue, e a aspersão do sangue, e o

abrigo seguro do povo no lugar onde o sangue foi derramado. Você não vê que este é o mesmo Deus que tratou de maneira paralela com Noé? 'Aqui', disse Deus, 'está um homem a quem fiz promessas de misericórdia. Portanto, eu o envolverei com uma circunstância que garantirá que, quando o golpe cair, cairá sobre ele para a salvação.' Então ele envolve seu povo com o sangue do cordeiro. Agora, como isso funcionou na terra do Egito?"

a. Propiciação

Agora ele fala sobre a teologia da Páscoa e as cinco palavras-chave da teologia. A primeira palavra é “propiciação”. “O cenário escolhido para a Páscoa é um cenário de julgamento divino, um cenário da ira de Deus. Este é um verdadeiro cenário de aliança, pois este foi o cenário das relações de Deus com Noé. Deus pretende entrar furiosamente na terra do Egito. Ele diz isso no capítulo 12, versículo 12, 'Porque eu passarei pela terra do Egito naquela noite, e ferirei...' Deus está vindo em julgamento. E qualquer israelita que estivesse no exterior naquela noite, tendo falhado em atender aos regulamentos da Páscoa, está implicado; o fato de ser israelita não o isenta. O ensino do versículo 23 deixa isso claro: 'Porque o Senhor passará para ferir os egípcios; e quando vir o sangue na verga e nas duas ombreiras, o Senhor passará pela porta e não permitirá que o destruidor entre em vossas casas. Então, além do sangue da Páscoa, o destruidor entraria. Todos igualmente estão sob a ira de Deus naquela noite. No entanto, diz naquele versículo-chave 13: 'O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; e quando eu vir o sangue, passarei adiante.' Não 'quando eu te vir', mas 'quando eu vir o sangue, passarei adiante'. O sangue é um sinal para mim de que você está lá; mas é 'quando eu vir o sangue que passarei adiante'. Colocando a questão sem rodeios, há algo sobre o sangue que muda Deus. O Deus que vem em cólera olha para aquela casa com absoluta satisfação. Não há mais nada ali que o leve à ira, e ele passa. Essa é a verdade que é salvaguardada pela palavra 'propiciação', aquela que apazigua a ira divina. Há algo sobre esse sangue que apazigua a ira de Deus, de modo que a ira não é mais operante contra

aquela família. Nenhuma outra palavra a não ser 'propiciação' servirá. Não há referência nesta narrativa a qualquer estado subjetivo do povo de Deus e, portanto, palavras como 'expição', que significam a eliminação do pecado no coração do homem, não serão suficientes. Pois a narrativa não leva em consideração fatores subjetivos no povo de Deus. Ela simplesmente diz: 'Deus está vindo em sua ira; quando ele vê o sangue, ele passa em paz.' É, portanto, o sangue da propiciação .” Então essa é a primeira palavra-chave da teologia da Páscoa.

b. Segurança ou Salvação A segunda palavra é “segurança ou salvação”. “Enquanto as pessoas permanecerem onde o sangue foi derramado, elas estarão seguras. O versículo 22 diz: 'Tomai um molho de hissopo e molhai-o no sangue que está na bacia, e batei na verga da porta e nas duas ombreiras com o sangue da bacia; e nenhum de vós sairá da porta desta casa.' Não há segurança exceto lá; ali, há segurança (versículo 23). Quando ele vir o sangue, o Senhor passará e não permitirá que o destruidor entre. O povo de Deus está a salvo da destruição enquanto se abriga no lugar onde o sangue foi derramado. Então o sangue tem um movimento para o homem. Ala de Deus trabalha propiciação, ala do homem, segurança.”

c. Substituição A terceira palavra é “substituição”. “Existe alguma pista na narrativa de por que o sangue tem uma eficácia tão incrível que pode propiciar um Deus irado e que pode proteger um povo que merece essa ira? Qual é o segredo da eficácia do sangue do cordeiro? Podemos ver a resposta mais claramente se nos lembrarmos de que o julgamento de Deus foi em termos de morte. Ele veio para matar, e o julgamento de Deus iria assumir uma forma simbólica, mas terrível, na morte do primogênito da família. O julgamento de Deus foi em termos de morte; mas uma morte já havia ocorrido na casa de cada israelita. A narrativa é talvez mais verdadeira do que o narrador pretendia quando diz no versículo 30: 'Não havia casa onde não houvesse um morto' - em cada família egípcia a morte de um primogênito, em cada família israelita a morte de um cordeiro. . Em cada casa havia um cadáver - na casa egípcia, o cadáver do primogênito, na casa

israelita, o cadáver do cordeiro que havia sido carregado com reverência para dentro da casa. Não podemos resistir à palavra substituição; pois havia uma morte em cada casa, e nas casas de Israel era o cordeiro que havia morrido. A narrativa esfrega nossos narizes na exata equivalência daquele cordeiro ao povo de Deus. Veja o versículo 3, 'No décimo dia deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, de acordo com as casas de seus pais, um cordeiro para cada família: e se a família for pequena para um cordeiro, então ele e o seu vizinho próximo à sua casa toma um segundo o número das almas; de acordo com o apetite de cada um, fareis a vossa conta para o cordeiro.' Esta não é apenas uma equivalência ampla - um cordeiro para uma família; não, eles devem contar as cabeças e depois os estômagos. Conte o número de pessoas e depois diga quanto vão comer, para que o cordeiro represente exatamente o número e as necessidades do povo de Deus. E a narrativa atende à falibilidade humana nesse assunto, caso eles superestimem; diz: 'Se sobrar alguma coisa até amanhã, queime no fogo, pois não deve haver outro uso ou significado para este cordeiro além de representar o número e as necessidades do povo de Deus. Esse foi o cordeiro que morreu; esse era o sangue precioso sob o qual eles haviam se abrigado, o cordeiro que era exato em sua medida para a medida do número e necessidades do povo de Deus. Se isso não é substituição, então você deve ser muito difícil de agradar! Mas você pode ter inclinação matemática e pode dizer: 'Ah, mas nas casas do Egito ninguém morreu, exceto o primogênito; e, portanto, se o cordeiro não tivesse sido oferecido, ninguém teria morrido senão o primogênito nas casas de Israel; portanto, no máximo, o cordeiro substituiu os filhos primogênitos.' Mas você esqueceu que quando Deus se comprometeu com a revelação proposicional a Moisés, ele disse: 'Assim dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito'? O cordeiro é equivalente ao primogênito de Deus”.

d. Libertação ou Redenção Cumprida Há mais duas palavras. A quarta palavra é “libertação ou redenção consumada”. “A morte do cordeiro não tornou possível a redenção do povo de Deus; tornou a redenção real e inevitável. A redenção foi realizada pela morte do cordeiro. Você pode colocar o assunto desta forma sem qualquer

modelagem da narrativa: antes que o cordeiro morresse, eles não podiam ir; depois que o cordeiro morreu, eles não puderam ficar. Lemos que os egípcios os instavam a fazê-los partir. A morte do cordeiro efetuou a redenção. É por isso que, incidentalmente, ao longo do restante do Antigo Testamento, o foco da atenção está frequentemente no Mar Vermelho e no que aconteceu lá, e não no cordeiro pascal no Egito, porque foi o evento do Mar Vermelho que selou finalmente aquilo que Deus havia feito na terra do Egito. Deus manobrou seu povo para um canto, o mar de um lado e os egípcios do outro, e havia aquela grande palavra que a Sagrada Escritura sempre fala para as pessoas que ainda não entraram na plenitude da redenção: 'Fique parado e veja a salvação de Deus.' E as águas se abriram diante deles e eles passaram; os egípcios que tentavam segui-los morreram afogados; e viram os egípcios mortos na praia. 'Então eles acreditaram em Deus' (Êxodo 14). Então eles tiveram certeza de que foram redimidos da terra do Egito e que sua escravidão havia terminado e acabado; a redenção havia sido realizada e aplicada”.

e. Peregrinação A última palavra é “peregrinação”. “A Páscoa era a ceia a ser consumida como café da manhã. Êxodo 12:11 diz: 'Assim o comereis; com os lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; e comê-lo-eis às pressas; é a Páscoa do SENHOR'. Por que comemos com pressa? Porque é a Páscoa do Senhor, porque há aquilo que exige que a comam como quem já está comprometido com a peregrinação. Você não pode comer a Páscoa do Senhor e viver no Egito. Você só pode comer a Páscoa do Senhor se tiver assumido o compromisso gratuito de caminhar com Deus em peregrinação para fora deste lugar, onde quer que ele o leve. Assim, a Páscoa começa a ser o cumprimento da palavra que Deus falou a Abraão: 'Anda na minha presença e sê perfeito'. Tem que haver a caminhada com Deus. As pessoas que entraram em segurança por aquela porta rebocada com o sangue do cordeiro saíram pela mesma porta manchada de sangue em peregrinação. O sangue que os conduziu à segurança os levou a andar com Deus, e eles tiveram que comê-lo como aqueles que estavam comprometidos com esse esforço de peregrinação.

Essa é uma citação longa de Motyer. Eu acho que ele realmente construiu uma

teologia, pode-se dizer, da Páscoa de uma maneira muito boa, e esses são cinco termos-chave que estão embutidos no significado teológico do que está acontecendo aqui para todo o povo de Deus.

Rough editado por Ted Hildebrandt

Edição final por Katie Ells

Re-narrado por Ted Hildebrandt